

Depoimento complica Arruda

SENADOR VOLTA A MENTIR, É PEGO EM CONTRADIÇÃO, NÃO CONVENCE E FICA MAIS PERTO DE SER CASSADO

JOÃO PITELLA JUNIOR

O senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) complicou-se ainda mais, ontem, depois do depoimento de sete horas à Comissão de Ética, em que tentou jogar na ex-diretora do Prodasen, Regina Célia Borges, a culpa pela violação do painel eletrônico.

Um documento oficial da companhia telefônica, enviado por Regina enquanto Arruda falava, provou que ela ligou mesmo para o senador na manhã do dia 28 de junho (data da cassação de Luiz Estevão). Poucos minutos antes, Arruda havia assegurado que jamais recebeu esse telefonema.

Além de ter caído em contradição, ele ouviu os senadores avisarem que dificilmente escapará de ser punido severamente. Na quinta-feira, acontece a esperada acareação entre Arruda, Regina e o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Arruda manteve a versão –

apresentada pela primeira vez na segunda-feira – de que agiu por “incumbência” de ACM, ao procurar Regina para perguntar se era possível quebrar o sigilo das votações. Mas ele não conseguiu convencer os senadores.

“De qualquer maneira, tendo recebido ou não a ordem de ACM para violar o painel, Vossa Excelência é culpado”, afirmou Pedro Simon (PMDB-RS), que fez um longo e duro discurso, chegando a deixar Arruda cabisbaixo. “O Senado nunca esteve num nível tão baixo de credibilidade. Se não houver uma punição, a Casa será desmoralizada e nós todos pagaremos o preço”, ressaltou Simon.

Ainda mais sintomática foi a declaração do relator Roberto Saturnino (PSB-RJ), o homem que vai definir o destino de Arruda: “Nada mudou com esse depoimento”, disse ele, na saída. “Outro senador já foi cassado exatamente porque mentiu, e aqui também estamos diante de mentiras, de quebra de decoro”, completou.

Regina disse, depois de assistir em casa ao depoimento, que Arruda mentiu novamente. Ela contou que está ansiosa para enfrentá-lo na acareação. O relatório final da Comissão de Ética – que poderá levar à abertura do processo de cassação – deverá ficar pronto dentro de 15 dias,

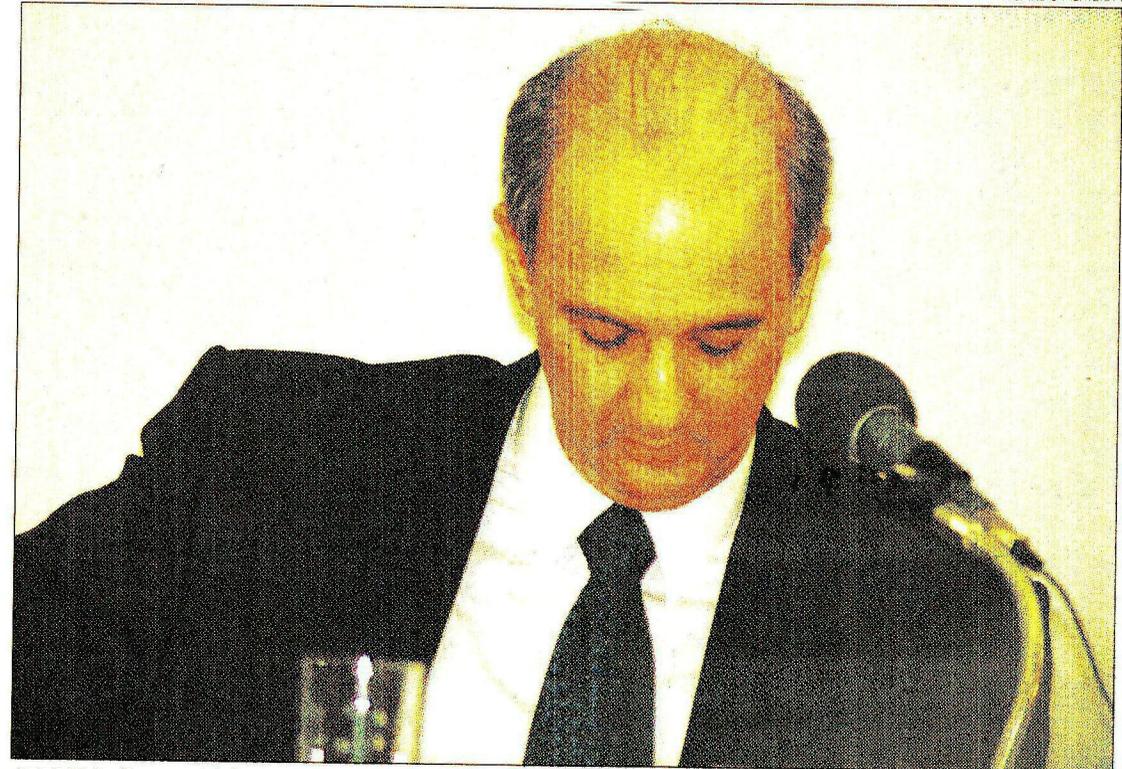
segundo Saturnino.

Num tom inicialmente defensivo, procurando mostrar humildade, Arruda foi perdendo a paciência na medida em que via sua situação ficar difícil. Ele insinuou que Regina tem problemas de “temperamento” e, por isso, entendeu como uma “ordem” para violar o painel a sua simples “consulta” sobre o risco da quebra de sigilo. Mas o próprio Arruda reconheceu, em seguida, que ele pode não ter se expressado corretamente, confundindo a servidora.

Eduardo Suplicy (PT-SP) foi o primeiro senador a complicar a vida de Arruda, contando que Regina havia recebido, da companhia telefônica, a confirmação de que ligara para o senador às 10h05 do dia 28 de junho, no celular 9982-4094. “Não me lembro disso”, contestou Arruda, que acabara de desmentir esse telefonema. Logo em seguida chegou ao presidente da Comissão de Ética, Ramez Tebet (PMDB-MS), o documento oficial da companhia.

O senador ainda arrumou um novo problema: ele admitiu, pela primeira vez, que o seu primeiro encontro com Regina pode ter acontecido mesmo na véspera da cassação de Estevão. Antes, ele sempre havia negado essa versão, inclusive apresentando álibis detalhados.

Atentos, os colegas não



ARRUDA ficou cabisbaixo ao ouvir Simon dizer que Senado se desmoralizará se não houver punição

perdoaram as contradições de Arruda. “Por favor, eu preciso saber qual das suas três versões está valendo agora. Não estou entendendo mais nada”, ironizou Lauro Campos (sem partido-DF), que aproveitou para chamar Arruda de “subserviente” a todos os governos.

Emília Fernandes (PT-RS) também foi dura: “Vossa Excelência não tem nada de ingênuo, como tenta dizer. E nós, os senadores, fomos profundamente desrespeitados com

a violação do sigilo”, destacou.

Segundo Emília, é impossível acreditar que ACM não deu a ordem a Regina, por meio de Arruda, para quebrar o sigilo da votação. “Ele é um homem autoritário e prepotente até com os próprios senadores, ainda mais com os funcionários”, argumentou.

De forma sutil, Arruda tentou partir para o contra-ataque ao se sentir acuado. “As punições não devem ser banalizadas, pois qualquer homem público pode vir a enfrentar

problemas”, disse ele, tentando convencer os senadores a não cassarem o seu mandato. “Eu já aprendi a lição”, afirmou.

Mas a resposta foi enfática: “Como vamos sair dessa, quando sabemos que houve versões diferentes?”, lembrou Casildo Maldaner (PMDB-SC), referindo-se às contradições. “O código de ética, que nós mesmos criamos, não permite a quebra de decoro. O que vamos dizer à sociedade se não houver uma punição?”, questionou.

RICARDO ALMEIDA